

A RELAÇÃO DOS SETORISTAS DA DUPLA GRE-NAL COM SUAS FONTES¹

MARCELO BEUST SALZANO²

RESUMO: Neste artigo, vamos abordar a seguinte questão: A relação de alguns jornalistas / setoristas da Dupla Gre-Nal com suas fontes. São eles que trazem o ambiente do clube diariamente, aonde o grande público vai ir ao encontro das informações do seu time do coração, seja ele Internacional ou Grêmio, a rotina destes profissionais, como buscar as notícias nos momentos de “crise”, que o time vive dentro ou fora de campo para surpreender os “concorrentes” e tentar traçar um comparativo de como é o trabalho do setorista hoje para os dias de ontem. Para isso, foram entrevistados os jornalistas da Rádio Guaíba, Luiz Carlos Reche, Cristiano Silva e Rodrigo Oliveira; Os jornalistas do site UOL: Marinho Saldanha, setorista do Grêmio desde 2009 e Jeremias Wernek, que acompanha o Inter desde 2010; os jornalistas Fabricio Falkowski, setorista de longa data do Internacional e William Lampert, que acompanha o Grêmio há algum tempo do jornal Correio do Povo.

Palavras-chave: Fontes. Dupla Gre-Nal. Jornalismo Esportivo. Setoristas. Esportivos.

INTRODUÇÃO:

No Rio Grande do Sul, não há muito o que discutir. Ou se é colorado ou gremista. Chimango ou maragato. E, no mundo do futebol, todo o gaúcho fica curioso para saber das novidades do seu clube do coração. Para ficar em cima do muro, 50 % das pessoas sobre o Inter e as outras 50 % sobre o Grêmio. Muitos se informam através da televisão, mas jornal, rádio e internet são as principais ferramentas acessadas pelo grande público na busca de informações. O rádio já foi principal meio, onde as pessoas ficavam sabendo das novidades do mundo da Dupla Gre-Nal e também acompanhavam as transmissões dos jogos de ambos. Atualmente, há um leque de alternativas que o torcedor pode escolher para acompanhar. Muitas vezes, o torcedor se pergunta. Porque tal time contratou fulano? Porque ganhou ou perdeu determinado jogo? Como conseguiu contratar algum jogador de grande qualidade, daqueles de empolgar o mais cético torcedor. Baseado nisso, decidi falar um pouco sobre: a relação dos setoristas da dupla Gre-Nal com suas fontes. São eles que alimentam o cotidiano das pessoas com

¹ Artigo acadêmico apresentado ao Departamento de Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia

² Jornalista graduado pela PUCRS. Contato: msalzano31@yahoo.com.br

informações dos clubes. Para isso, fui em busca de jornalistas que trabalham em diversos segmentos, para tirar de cada um como é cobrir o dia-a-dia do seu clube do coração. Notícias exclusivas, vantagens e desvantagens de ser um setorista fixo ou aderir a ideia de um rodízio, histórias curiosas com algum jogador / dirigente da Dupla Gre-Nal, enfim, é um tema que desperta a curiosidade de muita gente e tentaremos ao longo deste artigo desvendar os “mistérios” que rondam os Estádios Beira-Rio e Olímpico e, no caso do Grêmio, a futura Arena que será inaugurada em dezembro de 2012. Divirtam-se.

O jornalismo esportivo não é um meio de fácil acesso. O profissional que pretende trabalhar na área deve ter muita persistência, insistência e um pouco de paciência para ingressar no meio. Além de ter um bom conhecimento sobre o esporte, principalmente futebol, que será amplamente discutido ao longo deste artigo, ter “contatos” no meio jornalístico é muito importante para quem deseja seguir nesta área, porque só assim se consegue ser chamado para trabalhar em um grande veículo de comunicação. Mas, vamos ao que interessa: Ao longo do tempo, tivemos muitos jornalistas que acompanharam o dia a dia de Inter e Grêmio. Muitos deles hoje não são mais setoristas. Alguns atuam como comentaristas e outros são apresentadores e nem sempre o esporte é o tema principal de seus programas. Vamos a eles: Edegar Schmidt, João Carlos Belmonte, Laerte de Franceschi, Wianey Carlet, Pedro Ernesto Denardin, João Garcia, Nando Gross, Joabel Pereira, Lasier Martins, o falecido Lupi Martins, Luiz Carlos Reche, Antônio Carlos Macedo, Silvio Benfica, entre muitos outros.

Em relação ao trabalho da imprensa com jogadores, técnicos, dirigentes da Dupla Gre-Nal, todos os entrevistados são unânimes em afirmar. Ela diminuiu bastante. Não se tem mais tanta liberdade para chegar nas pessoas. Anos passados, nos dois clubes, os jornalistas poderiam abordar os jogadores no pátio dos estádios para realizar as suas entrevistas. E não era apenas um profissional. Quem tivesse afim de falar ou “chutar o balde” sobre determinado assunto, fazia-o sem problemas. Luiz Carlos Reche (2012)³ foi categórico: “Menor relação. Antigamente se tinha mais liberdade para chegar nas pessoas. Agora, qualquer “pangaré” tem assessor de imprensa. E nas viagens eles faziam questão de nos receber para conversar, trocar ideias”. No entendimento de

³ 14 anos acompanhando o Internacional e 1 ano o Grêmio, pela Rádio Guaíba, de 1985 a 1999. Em entrevista.

Reche, alguns dirigentes tem “super poderes” e acabam se “achando. Por outro lado, acredita ter mais liberdade para opinar, pois em 1999 deixou de fazer setor, para assumir a chefia de esportes da Rádio Guaíba. Jeremias Wernek⁴ (2012) acredita que ainda com essa relação há possibilidade de conseguir uma entrevista exclusiva.

Já construí um contato maior após fazer uma entrevista exclusiva, por exemplo. O cara sabe que o material vai sair, te dá até o feedback na visão dele e depois passa a reconhecer no dia a dia. A identificar e tratar de um jeito diferente. Mas são casos raros, isolados.

William Lampert (2012), que acompanha pelo jornal Correio do Povo, tem o pensamento que com o crescimento de veículos acompanhando o dia a dia dos clubes, isso também foi um dos fatores que prejudicou.

Não há mais um contato tão liberado como acontecia. Hoje está muito mais restrito o acesso a eles, até pelo número de veículos de comunicação que cresceu muito. Com dirigentes, também houve uma mudança, não tão drástica. Mas ainda há um contato mais pessoal.

Já Marinho Saldanha⁵ (2012) citou um exemplo interessante quando Renato Gaúcho ainda treinava o Grêmio, pelo fato de Portaluppi ser um dos grandes ídolos da história do clube. A proximidade de algum jornalista com algum membro da comissão técnica, jogadores, etc, pode prejudicar o profissional na hora de fazer uma crítica mais forte. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), não se pode esquecer que “a postura e o comportamento do repórter refletirão na própria imagem do veículo que ele trabalha”. Saldanha (2012) ressaltou: “mesmo que, no Grêmio, tenhamos um exemplo de 'proximidade' com o personagem, no caso do Renato Gaúcho. Algo que acho perigoso, porque haverá momentos de cobrança, e tal situação pode prejudicar ou não o trabalho”. Saldanha (2012) também deu a sua versão sobre a relação com os dirigentes. “já com eles, a relação muda completamente. Não há qualquer profissionalismo. Notícias são divulgadas, outras plantadas, matérias são questionadas”. O repórter da Rádio Guaíba, Cristiano Silva (2012), acompanha os dois clubes (Inter e Grêmio) muito de perto, desde a época em que já atuava na Rádio Bandeirantes também respondeu: “depende do jornalista, na maioria das vezes é uma relação profissional, principalmente com os jogadores e treinador”. Silva (2012) condenou veementemente a postura de alguns colegas em relação a intimidade com jogadores. “Alguns jornalistas tentam criar uma

⁴ Setorista do Inter do site UOL desde o início de 2010.

⁵ Setorista de Grêmio do UOL desde o início de 2010.

intimidade com jogador, principalmente saindo na noite com os jogadores, aí coloca a credibilidade no lixo”. Sobre os dirigentes, acredita que há uma troca de favores.

Em relação a os dirigentes existe muita promiscuidade entre alguns jornalistas com alguns dirigentes. Tem dirigente que troca informação para se promover com o jornalista e com o veículo que ele trabalha. E ainda tem aqueles jornalistas que escondem a informação em troca de favor particular, como arrumar um emprego na empresa do dirigente para um parente ou até mesmo recebendo dinheiro do dirigente ou do clube.

Fabricio Falkowski⁶ (2012) ressalta que a relação deve ser, acima de tudo, profissional. “depende de cada profissional e de cada dirigente, técnico ou jogador. Eu procuro manter uma relação estritamente profissional, principalmente com os atletas. Não vou ao Beira-Rio com o objetivo de fazer amigos”.

De acordo com Santanna (1998), “os meios de comunicação se transformam em campos de batalha, onde o território a ser ocupado é a hegemonia na “construção da agenda”, no *agendamento*, que é feita a partir de diferentes iniciativas e técnicas. A evolução tecnológica aportou aos meios de comunicação um potencial estratégico de intervir sobre a esfera pública. E, conseqüentemente, a difusão de conteúdos estará no centro deste conflito. O trabalho das mídias e a capacidade dos cidadãos em intervir sobre a esfera pública estão diretamente conectados”. Questionados sobre o que mudariam no dia a dia em relação as entrevistas, todos apresentaram sugestões bem interessantes: Reche (2012) pregou o equilíbrio. “tem que haver um meio termo. A gente tentava entrevistar, e o jogador definia se falaria ou não. Hoje , as vezes, ele quer falar e o clube impede”. Para Jeremias (2012) aumentaria o número de entrevistados por semana. “No caso específico do Internacional, todos se acostumaram com uma rotina desregrada. Onde cada repórter podia interpelar qualquer jogador no pátio. Sem nenhuma formalidade. Hoje é mais regrado, profissional”. Wernek (2012) acha importante aumentar o número de entrevistas no dia a dia “apenas um jogador fala por dia. O treinador fala nas terças e sextas. Eu aumentaria o número de entrevistados por semana. Nem que fosse em dias previamente combinados”. William Lampert (2012) tem uma opinião interessante sobre a questão. “O melhor seria ter entrevistas individuais. Porém, é impossível com a quantidade de jornalistas presentes no dia a dia”.

⁶ Setorista do Inter há 12 anos.

Cristiano Silva (2012) tem o pensamento de que as entrevistas coletivas “protegem” demais os clubes: “as coletivas protegem os clubes e os jogadores, antigamente se falava com os jogadores individualmente, agora na coletiva tem muito colega que não tem criatividade e acaba chupando a pauta dos outros.”. Fabricio Falkowski (2012) também defende as entrevistas individuais. No seu entendimento, a possibilidade de obter um grande furo seria muito maior: “gostava mais quando as entrevistas com jogadores eram liberadas e podíamos entrevistas todos indistintamente de forma particular e exclusiva”.

Falkowski (2012) entende que, daquela forma, obter uma matéria exclusiva era muito mais fácil. No entanto, no atual estágio do futebol, segundo Fabricio não há mais espaço para este tipo de situação. A cada dia, a relação entre imprensa e jogadores fica mais “pasteurizada”.

Oliveira (2012) acredita que há um descritório na seleção dos jogadores para as entrevistas. “Na dupla Gre-Nal, muitas vezes, temos apenas um atleta por entrevista. Não vou dizer que é pouco ou muito. Se for um jogador que se expressa bem, com ótimas respostas, está de excelente tamanho”. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), “há jornalistas que jogam a torcida contra atletas, dirigentes e técnicos. A missão do repórter não é tomar partido nem eleger os que são virtuosos e os que não são. Sua missão é apurar com precisão e divulgar”. Oliveira (2012) também relata uma dificuldade quando o jogador destacado para conceder entrevistas tem dificuldades na oratória: “quando aparece apenas um boleiro e este é um sujeito com respostas evasivas, tímidas e nada informativas, aí o setorista tem um trabalho pouco interessante e nada informativo para o seu público”. Barbeiro e Rangel (2006, p. 38) “detonam” a prática das entrevistas coletivas. “Uma das piores práticas que já apareceu no jornalismo esportivo é a tal da entrevista coletiva. Na verdade ela só interessa ao entrevistado, quase nunca ao entrevistador”. Segundo eles, há às vezes “um jogo de interesse” na hora de escolher o entrevistado. “geralmente o assessor de imprensa escolhe o atleta ou técnico que participará da entrevista, e em alguns casos também conduz à coletiva. As perguntas acabam sendo repetitivas”. Por outro lado, Oliveira (2012) entende o lado dos jogadores, relatando que eles não têm a obrigação de ser um comunicador. “Ressalva importante: temos que respeitar o jeito de cada um. O jogador não é obrigado a ser extrovertido. A profissão dele é atleta e não comunicador”.

Segundo Manuel Pinto (2000):

As fontes buscariam a visibilidade e atenção dos *media*, a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção coletiva, a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços, a prevenção ou reparação de prejuízos e malefícios, a neutralização de interesses de concorrentes ou adversários, a criação de uma imagem pública positiva. Por sua vez os jornalistas buscariam: a obtenção de informação inédita, a confirmação ou desmentido para informações obtidas noutras fontes, a dissipação de dúvidas e desenvolvimento de matérias, o lançamento de ideias e debates, o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos, a atribuição de credibilidade e de legitimidade a informações diretamente recolhidas pelo repórter. Essa relação jornalista e fonte é mais ou menos assim que funciona. “fontes e jornalistas parecem estar ligados por relações que pressupõem diferentes níveis de variação, os quais dependem do tipo de organização das fontes e do tipo de organização das notícias. (PINTO, 2000, p. 281).

Segundo Coelho (2004), “amizade não combina com jornalismo. Por outro lado, ajuda muito a conseguir informações de cocheira antes dos demais colegas. Duro é separar as duas coisas”. Coelho entende que uma relação tão próxima com uma fonte é um dilema constante na vida de um jornalista esportivo e o profissional é constantemente tentado a beneficiar esta ou aquela fonte em troca de favores, etc. “muitos jornalistas não conseguem separar amizade de relacionamento profissional. Não é raro ouvi-los elogiar jogadores por conta apenas da amizade”. (COELHO, 2004). Sobre a relação com as fontes, Reche (2012) afirmou que “o bom repórter sempre dá um jeito. Eles blindam de um lado e nós vamos por outro”. Wernek (2012) foi mais fundo na questão

A relação atual é fraca. Tem muita gente despreparada, inexperiente ou alheia a esse tipo de procedimento. Sei de setorista que nunca conversou com o presidente do Internacional em off, por exemplo. Queira ou não, ainda mais no jornalismo esportivo em que o sistema paternalista e o clima amistoso prevalecem, ter proximidade com dirigentes pesa na hora de apurar alguma informação.

Segundo Lampert (2012), é preciso ter cuidado: “Hoje a questão da informação está muito diluída entre os vários meios. É preciso cuidar para saber qual a intenção da fonte que está te passando a informação. Algumas vezes ela pode ser apenas uma plantação. É bom sempre ter um "pé atrás". Oliveira (2012) prega a criatividade. “cada vez mais difícil, pois aumentam o número de repórteres e diminui o acesso às fontes. No entanto, cada vez mais é necessário ser criativo para fazer um trabalho diferenciado”. Marinho (2012) aprofundou-se mais. “Fontes são sempre partes interessadas. Muitas pessoas esquecem

disso. No rádio, por exemplo, se divulga muita inverdade, baseado no 'recebi tal informação'. Se fôssemos contar quantas mentiras são ditas, aposto meu diploma como superariam as verdades”.

Colocam-se aí duas questões: “por que se conta que alguém preste informações a um estranho, se não ganha nada com isso? E por que confiamos que, decidida a responder, essa pessoa não inventará uma resposta qualquer?”. Saldanha (2012) isenta em parte a reportagem nessa relação jornalista-fonte.

Mas isso não é nem culpa do repórter, mas sim o medo de tomar furo, a pressão do chefe. Fontes podem mentir, mas é de esperar que não mintam. Creio que a 'briga pelo furo' é diferente hoje em dia. A melhor notícia não é a que se dá primeiro, é a melhor formulada.

Mas até que se entenda isso, vai passar muito tempo. Silva (2012) ressaltou que, na maioria das vezes, a relação é honesta. “Na maioria das vezes é uma relação honesta, mas tem também os promíscuos como eu citei nas respostas anteriores”. Falkowski (2012) ressaltou: “Cada profissional trabalha de uma forma. Tenho minhas fontes, mas com cada uma delas mantenho uma postura diferente dependendo do grau de interação”.

Nilson Lage (2008) também traz uma contribuição interessante sobre a relação jornalista-fontes. O resultado de uma consulta à fonte depende, assim, basicamente, da intenção que essa fonte atribui ao repórter. Se acha que o repórter é uma ameaça (posição frequente entre os ricos e aos que têm algo a esconder), será parcimoniosa nas respostas; se vê na conversa uma oportunidade de defender seus direitos (o que é provável entre pessoas pobres), enfatizará reivindicações e reclamações; se teme que o repórter não compreenda algo (o que ocorre, em regra, com cientistas e pesquisadores de ciências exatas), procurará ser minuciosa e redundante na explicação. Em todos esses casos, é provável que perceba que está violando regras tácitas de conversação - e até o evidencie com frases intercaladas, tais como "não querendo me alongar", "acho importante dizer que...", "não sei se isso interessa, mas...", "para ser mais exato...".

Segundo Barbeiro e Rangel (2006, p. 19) :

A reportagem é a alma, a essência do jornalismo. Apurar e divulgar notícias, contar uma boa história, que seja verdadeira, que tenha sido bem checada e que responda às perguntas básicas do o quê, quando, onde, como, quem e por quê é o dever de todo bom jornalista. Uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para pessoas certas no momento adequado. Se fizer bom uso desse instrumento de trabalho, o repórter esportivo tem tudo para ser um bom profissional.

Questionados sobre se preferem ser setoristas fixos de um clube (Inter e Grêmio) ou fazer um rodízio entre eles, Reche (2012) foi taxativo. “Fixo é melhor descobre tudo, mas móvel te dá mais chance de ter rótulo de imparcial”. Wernek (2012) também defendeu a ideia de setorista fixo nos estádios. “Ao meu ver, exatamente por essa concepção de relação, do cotidiano, é melhor a fixação de um repórter em cada estádio. Além de ter mais embasamento do dia a dia. Lampert (2012), por trabalhar em jornal, defende também a mesma ideia. “Há vantagens e desvantagens dos dois lados. Acho que depende muito de qual meio você está trabalhando. Para o jornal, como é o meu caso, é melhor ser setorista fixo”. Oliveira (2012) prefere circular pelos dois estádios (Beira-Rio e Olímpico) na busca das informações.

Prefiro fazer rodízio. É melhor saber razoavelmente tudo dos dois do que saber exatamente tudo de um e nada do outro. Além disso, o rodízio aumenta a criatividade. Por exemplo, se eu ficar uma semana fazendo só Grêmio. Em uma semana "morta", esgotam as minhas ideias de matérias. Se eu mudar para o Inter no meio da semana, aumenta o meu leque de ideias.

Saldanha (2012) é outro a falar na ideia de fixar um repórter acompanhando o dia a dia ou de Grêmio ou Internacional.

Ser setorista fixo é a melhor saída. Viver o dia a dia do clube, saber tudo sobre ele, a hora que abre, a hora que fecha, tudo. Conhecer pessoas, do menos importante ao mais importante. Ser visto no estádio todos os dias, fazer com que te conheçam pelo nome, não por seres 'o repórter de tal empresa', tudo isso faz com que, na hora de uma informação, sejas procurado, ou mesmo que não venham te falar, pelos menos não te tiram do caminho.

Silva (2012) é outro que prefere o rodízio no acompanhamento do dia a dia da dupla Gre-Nal. “Prefiro o rodízio, é melhor para se buscar informações os dois clubes”. Falkowski (2012) foi categórico. “Sou setorista fixo do Inter há 12 anos. Não é uma opção”.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006, p. 20), é bom lembrar sempre que, em qualquer área do jornalismo, o repórter é o elemento mais importante na cadeia de produção.

No esporte isso não é diferente. Porém, não se pode confundir pequenos boletins de conteúdo especulativo, sem profundidade, apenas para dar um registro do clube, com reportagem de jornalismo esportivo. Os repórteres

esportivos precisam pôr um fim nas piadas que fazem a respeito do seu trabalho, e mostrar que é possível produzir boas reportagens, como em qualquer outro assunto. Por isso, é essencial fugir daquelas perguntas eternamente repetidas para os atletas antes, durante ou depois das competições como: ‘o que você acha do jogo’ ou ‘como você está vendo o jogo’. Caso contrário, o repórter corre o risco de ouvir uma resposta como a que o técnico Osvaldo Brandão deu certa vez: ‘Com os olhos’.

Questionados sobre quais as vantagens de ser um setorista fixo de um clube e se leva vantagem em relação aos concorrentes, Reche (2012) concordou. “Com certeza, tudo se facilita”. Wernek (2012) é um defensor da fixação de um profissional acompanhando o dia a dia de um clube.

Com setorista fixo, mesmo que não seja noticiado, se sabe qual foi o rendimento do jogador X nos treinos. Se sabe quem é o líder do grupo, o calado, o brincalhão. Sabe qual integrante da comissão técnica entrega informações sobre o time. Consegue perceber algo diferente "no ar", só pela expressão dos jogadores e/ou comissão técnica. Setorista fixo, no meu entendimento, é uma excelente medida - em especial para os veículos com grande espaço para conteúdo.

Lampert (2012) acredita que há um espaço maior para buscar as notícias. “Você acaba conhecendo todos dentro do clube. Fica mais fácil para tratar das pautas, checar informações. Fica mais fácil neste sentido. Mas também há um desgaste bem maior”. Oliveira (2012) também acredita ser interessante um profissional acompanhando o dia a dia de uma determinada equipe.

Com certeza. O setorista fixo tem mais memória sobre os fatos que ocorreram no clube na temporada e tem mais facilidade de ganhar fontes. Porém, corre o risco de ficar muito identificado. E se ele tiver que trocar de clube, está ralado até se ambientar. E além disso as ideias de matérias podem se esgotar.

Marinho (2012) segue a mesma linha.

Pelo que disse anteriormente, acabas sendo 'parte' do processo quando setorista fixo. Sabes tudo. Não é raro os setoristas móveis me perguntarem o que aconteceu na semana, quem falou, o que falou, quem eu acho que vai jogar, porque eu tenho o dia a dia do Grêmio há 3 anos. Sei de absolutamente tudo. E entendo bem como as coisas funcionam no Olímpico. Algo que não teria se revezasse.

Silva (2012) só vê desvantagens em fixar setorista em determinado clube. “Não vejo vantagem, só desvantagem. Ficar fixo em um clube acaba deixando o repórter desinformado no outro clube”. Falkowski (2012) olhou os “dois lados da moeda”. “talvez sim, por estar envolvido somente com um clube, com uma rotina, com um grupo

de fontes. A atenção não fica dividida. Pode ser uma vantagem por este lado. Por outro, o profissional fica bitolado. Novos ares também podem fazer bem”.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006), atualmente, o repórter esportivo chega às redações mais preparado do que ocorria há 10, 15 anos. O perfil atual é de um profissional que fala no mínimo um idioma estrangeiro fluentemente e domina com facilidade importantes ferramentas de trabalho, como e-mail, processadores de texto, laptop, câmeras digitais, etc. Este novo jornalista esportivo também exhibe um conhecimento mais amplo de todas as modalidades e tem em geral menos resistência a fazer matérias tanto de futebol, quanto dos chamados esportes olímpicos.

O repórter deve desconfiar sempre. Duvidar faz parte do seu dia-a-dia. As fontes esportivas não devem ser tratadas nem com mais, nem com menos cuidado do que fontes de outros assuntos. Não se pode prejudicar o dirigente esportivo, nem outra pessoa qualquer. Questionados sobre algum “furo” ou notícia de grande relevância, que os entrevistados conseguiram divulgar, histórias muito interessantes vem à público. Reche (2012), lembra o caso “Gérson” em 1992, quando descobriu que o atleta tinha AIDS e depois veio a falecer. “O caso Gérson fui eu o primeiro a saber e cheio de dedos para divulgar. Fui ameaçado por médicos, dirigentes, mas eu estava certo. E tem tantos outros”. Jeremias (2012) lembra vários episódios polêmicos da história recente do Internacional.

Difícil falar sobre isso sem que tenha um ar de pretensão, mas vamos lá. Estou no dia a dia do Beira-Rio desde janeiro de 2010. Teve o desmaio de Guiñazu na pré-temporada em Bento Gonçalves. A contratação de Rafael Sobis, o afastamento de Edu, o interesse na contratação de Diego Tardelli. A chegada de Ilan, a exclusão de Ilan. A queda de Celso Roth, a saída de Cavenaghi (que pegou todo mundo de calça na mão), a venda do zagueiro Juan, alguns episódios da novela Oscar, da negociação com a Andrade Gutierrez, o atraso de Tinga e Dagoberto (pegou todo mundo de calça na mão), a briga de Sandro Silva com Dorival Júnior (que pegou todo mundo de calça na mão).

Lampert (2012) lembrou o caso de dois jogadores. Douglas, atualmente no Corinthians, e Mário Fernandes, prestes a deixar o Grêmio. “Em dezembro de 2011, dei em primeira mão que o Douglas poderia sair do Grêmio. Ele acabou saindo para o Corinthians depois. Com uma fonte fora do clube, dei o interesse do Real Madrid no Mário Fernandes que acabou sendo repercutido até na Espanha”. Oliveira (2012) destacou a venda de Nilmar, até então jogador do Inter, para o Villareal, da Espanha. “O

principal furo que eu recordei foi a notícia da venda do Nilmar para o Villarreal, em 2009. Mas a fonte não era oficial. E a guarda a sete chaves. Outra que é mais recente foi a notícia de que o Oscar não poderia jogar na Bolívia contra o The Strongest porque a CBF havia mudado o vínculo do atleta para o São Paulo. Essa foi um passarinho que me passou”. Saldanha (2012) lembrou da demissão do técnico Caio Junior no Grêmio, em fevereiro deste ano.

A queda do Caio Júnior, que demos 'com certeza' e não com entradas esporádicas no ar, tateando a informação, foi dada com base em uma conversa com uma fonte oficial. Mas daí depende se para ser considerada fonte tem que aceitar ter aspas publicadas. Pois não foi o caso. Hoje em dia, no Grêmio, a fonte oficial do departamento de futebol é quem mais divulga notícias. Umas verdadeiras, outras não. É um tipo de fonte interessada e que acredita saber manipular a imprensa. Só não vê quem não quer. E se não quer é porque pretende 'cultivar' a fonte, algo que percebo que acontece, mas é errado, e muito.

Silva (2012) destacou que conseguiu divulgar muitas informações. “dei muitas notícias, mas poucas com a ajuda de uma fonte oficial”. Falkowski (2012) falou da grande vivência dele no Inter e ressaltou. “Foram muitas, modéstia a parte. Afinal, são 12 anos como setorista do Inter”.

Os repórteres, na maioria das vezes, estão mais próximos dos jogos, atletas, árbitros e público. Isso quer dizer que estão mais próximos dos centros geradores de emoção, e por isso são os que sofrem maior impacto. Emoção é um atributo de todo ser humano, e ajuda a aquecer as transmissões esportivas. Não se pode confundir com a paixão, que cega quem tem o dever de enxergar ou atrela o jornalismo a uma causa ou a um ídolo. Questionados sobre alguma história curiosa na vida de setorista, há muitos “causos” fantásticos. Reche (2012) lembrou do ex-zagueiro do Inter, Célio Silva. “Fui atropelado no pátio pelo ex zagueiro do Inter e da Seleção Célio Silva que estava aprendendo a dirigir, mas sem maior gravidade, pois estava devagar”. Wernek (2012) destacou uma entrevista exclusiva feita com o zagueiro do Inter, Índio.

Segundo semestre de 2010, condomínio de luxo perto do shopping Iguatemi. Zagueiro Índio me atendeu para entrevista exclusiva. Relógio se aproxima do meio-dia e ele começa a ficar impaciente. Marcador ultrapassa às 12h e ele interrompe a conversa. "Terminou, pai (pronome de tratamento criado por ele, dado a todos com quem conversa)?" Respondo: "Sim, o que houve?". Índio se levanta e toca no meu ombro. "Esqueci meu filho no colégio. Fica aqui, não te mexe. Volto em 15 minutos.

Dezembro de 2010, shopping de Abu Dhabi. Em uma das gigantes lojas de departamento, grupo de jogadores do Inter mata o tempo antes de voltar para a concentração. Alecsandro e Derley experimentam calças e pedem ajuda para se comunicar com vendedora. Índio interrompe a negociação bilingue e tasca: "Pergunta se tem pra gurizinho", apontando para uma camisa polo. A vendedora é informada do desejo e vai atrás. Nisso, zagueiro sai da loja e avisa. "Se ela perguntar por mim, diz que volto mês que vem". Oliveira (2012) destacou a queda de Abel Braga no comando técnico do Inter em 2008.

Em 2008, Abel Braga saiu do Inter. Semanas depois, Tite era o mais cotado para assumir o Colorado. Mas havia a resistência do presidente Vitório Piffero, pois achava o treinador identificado com o Grêmio. Ligava para o Tite e nada de ele atender. Resolvi ir até o edifício do treinador. Toquei na campainha. O porteiro respondeu. Me identifiquei como jornalista e disse que queria falar com o Tite. Minha esperança era que ele me dissesse algo via interfone. Para minha surpresa, o porteiro respondeu dizendo que o Tite iria me receber. Subi até o apartamento dele. Estava ele, a esposa dona Rose, o filho Matheus e o auxiliar Cleber Xavier. Bati um papo de 1h com o Tite sobre a possibilidade de assumir o Inter e sobre a suposta identificação com o Grêmio. Ele disse que não havia sido procurado, mas que ele deixava esse assunto com o Gilmar Veloz, seu empresário. Me disse também que a identificação com o Grêmio era balela. Que ele é profissional. Não quis gravar entrevista. Mas me autorizou a relatar tudo no ar. E relatei. Fiz um boletim repleto de informações em cima das notícias que me foram passadas pelo técnico. Alguns dias depois, Tite era anunciado como novo técnico do Internacional, clube pela qual foi, naquele mesmo ano, campeão da Copa Sul-Americana. Eu admirava o Tite. Depois daquele episódio, passei a admirar ainda mais.

Saldanha (2012) preferiu "tangenciar" e revelou "fatos do cotidiano".

Há muita história de vida pessoal do jogador. Algumas curiosas, outras não. A gente fica sabendo de muita coisa no estádio, que por falta de provas não podem ser ditas ou publicadas. Há histórias sujas também. Dirigente divulgando salário de jogador da direção anterior. Dirigente desprestigiando jogador do próprio time pois não foi ele quem contratou. Enfim, há de tudo. Mas não serei eu a divulgar isso, serei? O futebol é sujo. No dia a dia de um clube, quando se fica lá muito tempo, como é meu caso, se percebe coisas antes não perceptíveis. A magia da cobertura se quebra e vemos que realmente, apropriando-me do dito de um parceiro, é um bang-bang sem mocinho.

Silva (2012) lembrou o fato pitoresco do lateral-esquerdo Marcinho, em um jogo Bahia x Grêmio, pela Copa do Brasil de 2005, quando ainda atuava pela Rádio Bandeirantes.

A melhor história foi a do Marcinho, lateral esquerdo do Grêmio, que em 2005 saiu de campo em um jogo contra o Bahia dizendo estar com caganeira. Foi muito engraçado. Também já entrei no ar para dar um boletim dentro do T2 ônibus, foi muito engraçado, eu falando e todos os passageiros me olhando.

Falkowski (2012) citou um caso com o ex-goleiro do Inter, Hiran, no ano de 2000. “também muitas. Uma engraçada envolve uma ameaça que recebi do goleiro Hiran, na época no Inter. O fato foi tão grave e ganhou tanta relevância na imprensa que a Zero Hora foi obrigada a noticiar dando meu nome e citando o Correio do Povo“.

CONCLUSÃO

Enfim, ao final deste trabalho chego à conclusão de vários aspectos interessantes sobre “a relação dos setoristas da dupla Gre-Nal com suas fontes”. Em primeiro lugar, diminuiu bastante o contato dos profissionais de imprensa com jogadores, técnicos e dirigentes de Internacional e Grêmio. Não se tem mais tanta liberdade para realizar as entrevistas. É uma relação profissional. Um fato que contribui para isso é o aumento de veículos de imprensa acompanhando o dia a dia dos clubes. Fica muito complicado atender o interesse de todos. Por isso, os assessores de imprensa fazem a opção de destacar jogadores e membros da comissão técnica para as “famosas” entrevistas coletivas.

Sobre as entrevistas “exclusivas”, o contato deve ser feito com bastante antecedência, até para o assessor de imprensa poder “negociar” com o profissional requisitado. Isso, de alguma forma, já deixa o entrevistado “vacinado” sobre o que ele vai responder. Na maioria das vezes, as “exclusivas” focam mais o outro lado do futebol e de aspectos mais gerais da vida de um atleta ou técnico. Claro, os assuntos referentes “as quatro linhas” também são abordados.

Os entrevistados apresentaram sugestões interessantes sobre o que mudariam no dia a dia em relação as entrevistas. É uma questão polêmica. Alguns defenderam a ideia de aumentar o número de entrevistados. No entendimento deles, nem que fosse em dias previamente combinados, os atletas poderiam atender a reportagem. A entrevista individual também foi bastante citada, pois dessa forma a chance de obter alguma notícia de grande relevância aumentava bastante.

Sobre a relação com as fontes, é preciso ter bastante cuidado. Muitas vezes, a informação passada e que não é devidamente checada corre o risco de ser uma grande “barrigada” do profissional. Por isso, a criatividade numa hora dessas pesa bastante, porque se há uma relação mais fechada, a busca pela melhor informação pode ser obtida através de outros meios. Temos alguns profissionais no RS com mais tempo de estrada em relação a outros. Para eles, conseguir alguma notícia através de uma fonte oficial de um clube torna-se uma missão mais fácil. Quem está ingressando no meio e no dia a dia da rotina da Dupla Gre-Nal tem alguma dificuldade no início, na hora de apurar uma notícia.

Outra questão polêmica tratada neste artigo foi quanto às vantagens de ser um setorista fixo de um clube. Alguns defendem a ideia, outros não. Os que são favoráveis (Luiz Carlos Reche, Jeremias Wernek, William Lampert, Marinho Saldanha) tem o pensamento que sendo setorista fixo, ou de Inter ou Grêmio, você acaba descobrindo todas as notícias referentes ao clube. Alguns citaram as suas mídias. Dos profissionais ouvidos, os que militam na área de sites e jornais, foram categóricos. Preferem ser fixos. Já Cristiano Silva e Rodrigo Oliveira preferem o rodízio, pois para ambos, é melhor saber razoavelmente dos dois clubes, do que saber de tudo um time e nada do outro.

Por outro lado, a maioria dos entrevistados questionada sobre as vantagens de ser um setorista fixo e se leva vantagem em relação aos concorrentes, houve quase uma unanimidade, pois nos treinos se sabe quem é o líder de grupo, o calado, o brincalhão, o integrante da comissão técnica que entrega informações sobre o time. Outro aspecto favorável é que acaba se conhecendo todos dentro do clube. Porém, Cristiano Silva observa algumas desvantagens, pelo simples fato de saber tudo só de um clube e não ter nenhuma informação na equipe rival.

Sobre algum “furo” ou notícia de grande relevância que os entrevistados conseguiram divulgar, muitas histórias vem à público. O caso Gérson, no Inter, que acabou falecendo porque tinha AIDS, as polêmicas mais recentes da história do Inter, como contratação / saída, afastamento de jogadores, vendas de atletas. Nesse perfil se enquadram os jogadores Guiñazu, Rafael Sóbis, Ilan, Cavenaghi, Douglas, Mário Fernandes, Tinga, Dagoberto, entre muitos outros. E queda de técnicos também como a de Caio Junior pelo Grêmio e Abel Braga no Inter em 2008.

Então, concluímos, no final deste artigo, que a relação dos setoristas da dupla Gre-Nal com suas fontes é muito mais complexa do que se pode imaginar. Há muitas dificuldades, poucas facilidades, mas reitero que, mesmo assim, a busca pela melhor

informação nunca pode deixar de existir. Alguns tem mais facilidades que outros, mas é na hora da dificuldade nós sabemos quem é quem. Meus agradecimentos aos entrevistados. Contribuíram demais para o bom andamento do trabalho e deram a visão de como é acompanhar o dia a dia de Internacional e Grêmio, duas paixões que mexem com o povo do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; Rangel, Patricia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo, Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 2. Ed. São Paulo, Contexto 2004

FALKOWSKI, Fabrício. **Entrevista concedida por e-mail**. Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 26 de abril de 2012.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Record 2008.

LAMPERT, William. **Entrevista concedida por e-mail**. Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 13 de abril de 2012.

OLIVEIRA, Rodrigo. **Entrevista concedida por e-mail**. Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 10 de abril de 2012.

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo**. In: Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, p. 277-294.

RECHE, Luiz Carlos. **Entrevista concedida por e-mail**. Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 18 de abril de 2012.

SALDANHA, Marinho. **Entrevista concedida por e-mail**. Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 11 de abril de 2012.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídia das fontes. O difusor do jornalismo corporativo**

SILVA, Cristiano. **Entrevista concedida por e-mail.** Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 26 de abril de 2012.

WERNEK, Jeremias. **Entrevista concedida por e-mail.** Entrevistador: Marcelo Beust Salzano. Data: 10 de abril de 2012.